



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**ALMERINDO BATISTA DA SILVA**

**(depoimento)**

**2014**

**CEME-ESEF-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA



**Projeto:** Garimpendo Memórias

**Número da entrevista:** E-421

**Entrevistado:** Almerindo Batista da Silva

**Nascimento:** 24/02/1933

**Local da entrevista:** Associação de Judô GABA (São Leopoldo - RS)

**Entrevistadores:** Eric Seger e Alexandre Luz Alves

**Data da entrevista:** 02/06/2014

**Transcrição:** Alexandre Luz Alves

**Copidesque:** Bruno de Oliveira e Silva

**Pesquisa:** Bruno de Oliveira e Silva

**Revisão Final:** Silvana Vilodre Goellner

**Total de gravação:** 46 minutos e 17 segundos

**Páginas Digitadas:** 12 páginas

**Observações:**

O entrevistado realizou algumas alterações após a leitura da entrevista transcrita.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

## **Sumário**

Inserção no Judô; mulheres no judô; Formação de professores; Judô em São Leopoldo; Formação de atletas; Dificuldades em introduzir uma modalidade pouco conhecida; Valores relacionados ao esporte; Compromisso com o legado do Judô; Situação do Judô no Rio Grande do Sul.

Porto Alegre, 02 de junho de 2014. Entrevista com Almerindo Batista da Silva a cargo dos pesquisadores Eric Seger e Alexandre Luz Alves para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

E.S. – Professor Almerindo, como foi início da sua prática no judô?

A.S. – Eu iniciei o judô de forma inusitada, com trinta anos de idade. Eu tive uma vida militar, então eu trabalhava mais na parte burocrática e com trinta anos de idade eu já estava com a situação de saúde bem precária. Eu fui ao médico que recomendou: “Olha Batista tu tem de fazer um esporte urgente, teu problema é ociosidade”. Naquela época, casualmente tinha passado na minha repartição, aonde eu trabalhava, um memorando, um documento que estava propondo judô numa sala do prédio aonde eu trabalhava, no QG<sup>1</sup> da 6ª Divisão de Infantaria em Porto Alegre. Perguntando aos militares, que quem quisesse fazer judô se candidatasse, podia se inscrever. Na volta do médico, eu vi esse documento e dei uma lida, fiz uma pesquisa sobre o que era o judô, gostei e me candidatei.

E.S. – Em que ano foi isso?

A.S. – Foi em 1965.

E.S. – Como era essa turma ou essa escola? Tinha outras modalidades de luta?

A.S. – Não. Era só judô. Então eu comecei a praticar e gostei. No judô se pratica muita queda, então se faz exercício de queda, que é umas cambalhotas que se dá. Na primeira cambalhota que eu fiz, fiquei deitado, não consegui me levantar porque fiquei tonto. O professor me disse que aquilo era normal, que era falta de exercício físico, resistência física, eu estava meio gordo também. Continuei nos treinos e comecei a gostar. A minha saúde resolveu totalmente, após uns seis meses de treinamento, tanto que eu competi seis anos consecutivos pelas Forças Armadas. Hoje em dia o judô, o ideal, esses atletas que chegam a campeão brasileiro, campeão Sul-Americano, Pan-Americano, eles começam com cinco, seis anos de idade, sete anos. Então a minha desvantagem foi muito grande,

---

<sup>1</sup> Quartel general.

mais para a minha saúde, e hoje eu tenho oitenta e dois anos e pratiquei seis anos consecutivos competindo naquela época.

E.S. – Anos 1960?

A.S. – É. Isso, não. Eu competi na época de 1970, 1969 até 1976 por aí. Eu fundei a academia aqui em São Leopoldo<sup>2</sup> em 1970 e nesta época o judô aqui no sul era muito pouco divulgado, até considerada uma luta agressiva. Tanto que eu enfrentei em São Leopoldo uma oposição muito grande na parte dos pais. Os filhos procuravam fazer judô, os pais consultavam nos colégios e os professores diziam: “Não o seu filho já é agressivo, vai ficar mais agressivo”. Mas mesmo assim eu continuei, fiz muita passeata na rua, colocava tatame em cima de caminhão e fazia demonstração de técnicas na rua principal, e fui quebrando essa ideia que o judô era agressivo. Que é exatamente o contrario, judô é o esporte que mais educa, isso não dito por mim... Agora saiu até um estudo que é o esporte mais indicado para a nossa juventude, importante isso.

E.S. – Eu só queria voltar um pouco para a questão da escola aonde tu praticava, queria saber quem era o professor, onde ele tinha se formado e também se tinham mulheres que praticavam judô nessa época, se competiam?

A.S. – Naquela época não tinha judô para mulheres, eram só homens que praticavam. E o meu professor, o meu primeiro professor iniciou... Foi o Ubirajara Custódio de Nascimento, é vivo até hoje, era um faixa preta, segundo dan<sup>3</sup>. Agora o feminino surgiu logo mais tarde na década de 1985, foi introduzido o judô feminino aqui no Rio Grande do Sul, talvez tivesse fora já.

E.S. – Isso para competição ou só para o treino mesmo?

A.S. – Para treino e para competição. Hoje em dia o feminino corre parêlho com o masculino em competição, em Olimpíadas<sup>4</sup>, é excelente. Porque para o feminino, para aquela época o feminino só procurava academia para fazer aeróbica, danças e musculação.

---

<sup>2</sup> São Leopoldo – RS.

<sup>3</sup> Dan são os níveis que o/a atleta conquista após já ser faixa preta da modalidade.

E hoje elas perceberam que fazendo judô, teriam excelente preparo físico e aprendiam além de tudo uma luta olímpica, uniam o útil ao agradável.

E.S. – E como era a situação do judô em relação a outras cidades aqui do Rio Grande do Sul que tu conheceu? São Leopoldo em relação com outras cidades?

A.S. – São Leopoldo na década de sessenta e poucos teve uma sala que tinha um professor que ministrou o judô por aqui, mas foi pouco tempo. Depois eu entrei e Porto Alegre já tinha muito, no interior, Pelotas tinha judô. Tinham cidades que tinham judô, a mais forte depois de Porto Alegre era Pelotas, um lucro muito grande naquela década de 1960. E entrou São Leopoldo, eu fundei a academia na sede da Associação do Banco do Brasil, que ficava aqui na Osvaldo Aranha, no centro de São Leopoldo. Onde estive dois anos, depois foi cancelado o judô dessa Associação Banco do Brasil porque começou a crescer muito e a ideia da Associação era só para alunos filhos de bancários, e familiares. E como cresceu muito eles tiveram que fechar o departamento de judô, mas eu tinha uma gama mais ou menos grande de alunos, eu aluguei um prédio e toquei o judô. Eu fui criando faixas pretas, hoje a GABA<sup>5</sup> tem mais de oitenta faixas pretas, dos quais uns trinta são professores de judô, em todo o Vale<sup>6</sup>, região Metropolitana. A GABA tem núcleos de professores fazendo judô e os alunos são todos vinculados a Associação de Judô GABA. Nós fazemos campeonatos internos com mais de seiscentos atletas, num dia competindo. Todos afiliados a Associação de Judô GABA.

E.S. – Como é a formação desses professores? E a escolha dos professores que dão aula, como é esse processo?

A.S. – O judô, a própria filosofia vai ensinado ele a passar o que ele aprendeu. Ele sente-se, não obrigado, mas sente o prazer de transmitir aquilo que ele aprendeu a outros. Então ele busca isso, ele se apaixona pelo esporte. Então eles praticamente não vivem disso, é em horas quebradas e tal. A maioria dos professores são formados, tem curso superior. E os que não têm curso superior, são excelentes homens, de moral, e não fumam, não bebem. Não por que o esporte proíbe, não porque se proíbe na sala de aula fumar e beber, é o

---

<sup>4</sup> Jogos Olímpicos.

<sup>5</sup> Associação de Judô GABA.

próprio treino, a própria filosofia do judô vai afastando a necessidade de buscar alguma coisa para se auto afirmar. Ele passa a se conhecer, com os treinamentos em que ele cai, levanta, luta, perde, ganha, ele vai se conhecendo, vai conhecendo os seus limites. Então ele não precisa de alguém para servir de esteio para ele. Dificilmente quem pratica judô, ou um esporte sadio, aí eu já posso englobar todos os esportes, ele vai buscar a droga. Porque a minha ideia, a minha luta é que a prática do esporte evita a nossa juventude a entrar na droga, e é a ociosidade. E tem os que adotam, buscam, acham bonito, os coleguinhas: “Ah! Ele faz eu vou fazer também”. Judô eu tenho certeza que tira isso, e o esporte com certeza faz a nossa juventude mais sadia.

E.S. – E desses professores faixas preta que a GABA formou, tem mulheres? Professoras?

A.S. – Atualmente como professora eu tenho duas, que é a Ana, ela é formada em educação física, aliás, as duas são Ana; a Ana Maria Kich e a Ana Paula Feyh Uma é formada em Educação Física e uma é jornalista e ensina judô e é uma excelente professora.

E.S. – Sobre os atletas da GABA, vocês mandaram bastante atletas para competições regionais ou nacionais?

A.S. – Eu tenho atletas... Porque a finalidade do judô não é formar atletas para competir, é formar homens de bem, sadios. Tanto que um esporte amador onde a maioria paga, aqueles que têm condições de pagar, tem que pagar. Porque a GABA não tem sede própria, isso é alugado, então da mensalidade a gente paga o aluguel. E eu não tiro proveito financeiro nenhum... Eu fui militar, trinta e três anos, tenho a minha aposentadoria, então eu não preciso. Até eu pego o dinheiro da minha aposentadoria para às vezes cobrir as despesas da GABA, porque daqueles que procuram que eu vejo que estão interessados em praticar o judô eu dou até bolsa, não pode pagar eu dou bolsa, ou inicia pagando, amanhã ou depois: “Ah Batista! Vou ter de sair do judô... Eu tenho que tirar o meu filho”. Não! Não tira, pare de pagar, no dia que tu conseguir recomeça, mas pratica o judô, essa é a minha luta. Tu perguntou de?

E.S. – Dos atletas?

---

<sup>6</sup> Região do Vale dos Sinos.

A.S. – Ah! Das competições. Eu tenho vários atletas, que se projetaram em competições. Eu posso citar, eu tenho o Jacson Wagner da Silva que é penta campeão brasileiro. Tenho várias gurias, tem relatos que eu posso dar depois, nomes de campeões, Sul-Americanos, Pan-Americanos, tem o Edmilson Conceição que é bicampeão Pan-Americano, vice-campeão mundial também em Moscou<sup>7</sup>, já foi da seleção olímpica, da seleção brasileira para os Jogos Olímpicos. A irmã dele foi a Rosangela Conceição também, faixa preta, ela está dando aula em Dubai agora de judô e o Edmilson que é irmão dela já deu, esteve durante quatro anos em Dubai agora voltou e continua dando aula aqui, também é formado em educação física. Então a Rosangela foi a oitava melhor do mundo nas Olimpíadas, treze anos atrás, então eu tenho vários atletas e outros que estão se projetando, em seletivas, vão a Campeonatos Brasileiros.

E.S. – Tu tem outras na tua trajetória foi professor de judô, técnico, arbitragem?

A.S. – Também. Fui árbitro muitos anos, porque naquela época os professores faixas pretas tinham que ser árbitros, aqui no Rio Grande do Sul não existia o quadro de árbitros, quem arbitrava as lutas eram os próprios professores, então quando o Estado fazia os campeonatos os professores que eram faixas pretas tinha que arbitrar e assim mesmo eles davam cursos. E eu fui árbitro durante vinte anos, uns trinta anos eu fui arbitro. E agora eu não sou mais arbitro porque não há necessidade, tem quadro de árbitros, tem professores meus que são árbitros e árbitro de grau nacional e internacional que é o caso da FIJ, Federação Internacional de Judô, que é o Alex Klein<sup>8</sup> de Estância Velha<sup>9</sup>, mora em Estância também, dá aula lá. Então a arbitragem agora, graças a Deus, eu não preciso fazer porque é um dia árduo, passa o dia todo no ginásio fazendo arbitragem, eu fico mais olhando os atletas que estão competindo, na organização.

E.S. – Tu ainda faz o papel de técnico?

---

<sup>7</sup> Jogos Mundiais da Juventude em Moscou em 1998.

<sup>8</sup> Alex Osmundo Klein.

<sup>9</sup> Estância Velha – RS.

A.S. – É, eu sou o responsável técnico da GABA, da minha associação e ainda sou professor, visto o quimono, dou aula, tenho que estar com excelente saúde, não tenho doença nenhuma.

E.S. – Tu dá aula para adultos, crianças, para os dois?

A.S. – Eu gosto de dar aula mais para crianças. Para os adultos eu tenho um professor muito bom que é o professor Ferreira<sup>10</sup> que assume mais a turma de adultos. Mas eu dou aula para os adultos quando precisa alguma técnica diferente, porque eu já tenho muito conhecimento, muita prática. Mas mesmo assim os professores são excelentes, esse professor que dá aula aqui na sede, ele que é o professor dos adultos.

E.S. – Como tu percebe a mudança do judô desde a época que tu começou a praticar até agora?

A.S. – Sabe que essas perguntas que tu está fazendo são muito interessantes. Eu não sei da onde tu buscou isso [riso]. Por que quando eu comecei a fazer o judô era bem diferente, naquela época se fazia um judô mais dentro da filosofia, para a prática, não com a intenção de competir. Inclusive as técnicas de judô naquele tempo eram um pouco diferentes, começou na década de 1980 o judô competitivo, inclusive eles abandonaram muito as técnicas de *Atemi-Waza*<sup>11</sup>, que a gente diz que são técnicas de defesa pessoal, que utilizam braço e perna para se defender, bater, que hoje em dia se vê em outros tipos de lutas. Isso foi deixado de lado porque no judô competitivo são proibidas essas técnicas. E é o certo, tanto que no judô ninguém se lesiona, quando dá uma lesão é um acidente, mas não por alguém agredir como nós temos... Que eu sou contra o MMA<sup>12</sup> que faz do ser humano um objeto de pancadaria, até mata, porque aquilo é uma agressão. Tanto que as rinhas de galo são proibidas e deixaram agora para os humanos fazer, eu sou contra esse MMA. Infelizmente a mídia... Isso dá dinheiro, rola muito dinheiro por trás, então a mídia vai em cima e patrocina tudo isso. Mas o judô mudou bastante da década de 1980 para cá ele é mais praticado visando a competição por causa das Olimpíadas, isso é muito importante.

---

<sup>10</sup> Eduardo Ferreira.

<sup>11</sup> Conjunto de técnicas aplicadas em pontos específicos do corpo do adversário para causar dor ou desequilíbrio.

<sup>12</sup> Artes Marciais Mistas.

Não acho que seja ruim porque a filosofia está sempre intrínseca, mas mudou bastante de quando eu comecei. Inclusive a avaliação de técnicas agora está voltando, o judô teve uma época que se pegava muita perna, abandonou aquelas técnicas de leveza, de usar a física para a queda, ponto de apoio, alavancas, foi se abandonando, usando mais força e catadas de perna. Graças a Deus voltou o judô bonito, que o cara pega, entra e levanta, consegue o *ippon*<sup>13</sup>. Como se vê nas competições, é muito bacana isso e não dá para evitar pegada, porque judô é pegada, é junto, o corpo tem que ficar próximo para poder usar o corpo para derrubar. O nosso corpo é uma arma poderosa, dependendo da maneira que tu vai usa-lo ou que tu aprende a usar, é preciso de alavancas, de reflexo, de velocidade, esse é o judô. Essa parte está voltando.

A.A. – Tu comentou sobre os *Atemi-Waza*, tu lembra mais ou menos em que época você deixou de treinar isso?

A.S. – A gente treinava na década de 1980 por aí. A GABA voltou a dar *Atemi-Waza*, importante, está aqui [o entrevistado mostra um livro], esse aqui é o Scaramouche<sup>14</sup>, tem o livro. Esse é um professor ele é do tempo das *telecatch*<sup>15</sup> que fazia aquelas lutas na década de 1960, 1970. Aquelas lutas no Ringuedoze<sup>16</sup>, que era só apresentação, semelhante a esse MMA, fazia de conta.

E.S. – Combinado...

A.S. – Combinado. Então não machucava ninguém e esse professor ele é faixa preta. Ele voltou a treinar comigo aqui, ele foi professor vários anos e ele é especialista em *Atemi-Waza*. Então eu estou aproveitando que ele se prontificou, está dando *Atemi-Waza* para os nossos judocas adultos, muito bacana.

A.A. – E junto com os *Atemi-Waza* o senhor chegou a praticar os *katas*<sup>17</sup> do judô?

---

<sup>13</sup> Pontuação máxima do judô.

<sup>14</sup> Apelido de João Neri Sater Mello.

<sup>15</sup> Foi um programa da Televisão Excelsior que mostrava luta livre.

<sup>16</sup> Local onde aconteciam as lutas do Telecatch.

A.S. – Sim. Os *katas* do judô é obrigado por causa das promoções. Cada promoção tem uma série de *katas* que tem que aprender. Então é uma evolução muito grande, aprender todas as variações de técnicas chama-se *nage no kata*, *waza*, é a técnica de solo, estrangulamento, chave de braço, imobilizações. E para cada promoção, para cada grau de promoção tem técnicas diferentes, grupos de técnicas que tem que apresentar perante uma banca que a Federação cria, faz o exame, tem que demonstrar que domina a técnica para poder passar de grau de promoção após a faixa preta. Até a faixa marrom quem promove são os professores das academias, a preta é a Federação que promove através de cursos, de *waza*, de *nage no kata*, de arbitragem, de primeiros socorros.

E.S. – Esse professor que é especialista em *Atemi-Waza* ele era do Ringuedoze?

A.S. – Sim. Neri Sater Mello<sup>18</sup>. Ele até escreveu um livro da vida dele, ele está com setenta anos.

E.S. – Ele está dando aula aqui?

A.S. – Sim, ele dá aula aqui, de *Atemi-Waza*.

E.S. – Tu falou sobre a promoção das faixas, eu li pelo cartão que tu é sétimo dan...

A.S. – É. Sétimo dan. Até aqui tem o *Atemi*, essas são as técnicas que ele dá [o entrevistado mostra um folheto com as técnicas ilustradas].

E.S. – Qual é a sua contribuição para o judô do Rio Grande do Sul?

A.S. – Eu comecei a dar o judô aqui, fundei essa academia como eu já falei em 1970. Primeiro de agosto de 1970, sempre tive a intenção de que o judô fosse uma coisa boa para a nossa juventude. Quando eu entrei no judô a maioria dos judocas já entravam adultos, depois começou a entrar, depois dos sete anos, eu vi que isso era tão bom para essa criançada, tanto que eu coloquei meu filho, minha filha para fazer judô. Eu tive um

---

<sup>17</sup> Conjunto de técnicas fundamentais do judô, considerado uma das formas de transmitir a filosofia do judô.

professor que até hoje ele é professor da GABA, é o Ragmar Mansano Borçato, também formado em educação física, ele veio do Paraná, Curitiba, e ele veio com a ideia: “Batista vamos colocar judô a partir dos cinco anos”. Ele gostava muito de dar judô para crianças também. Vamos colocar! Começamos a colocar, eu acho que a GABA é que começou a colocar judô a partir dos cinco anos de idade. Hoje nós temos a partir dos quatro anos, nós fizemos competições já com quatro anos, eles estão no tatame lutando. É a coisa mais importante, então eu vejo, esse esporte, se fosse de grande aplicação, poderia pegar uma grande massa de praticantes, seria de utilidade incomensurável para a saúde física e mental da nossa juventude. Porque o judô é o esporte, veja bem o que acontece, é o esporte que hoje em dia comprovadamente é o que mais se pratica no mundo e também no Brasil. Ai perguntam assim: “E o futebol? Mas o futebol é o esporte que mais se pratica, não?” O futebol é o esporte que mais tem assistência. Enquanto vinte e dois homens em um dia praticam o esporte para setenta mil espectadores, e o futebol tem mais ainda, o espectador fica se inflando de agressividade, quando termina o espetáculo sai se matando, quebrando tudo. No judô é exatamente o contrário, eu tenho provas aqui, no penúltimo domingo eu fiz um circuito interno meu, da GABA, tinha quinhentos e trinta judocas durante o dia praticando, desde a idade de quatro anos até adulto. É fechado, infelizmente o judô não tem mídia nenhuma, é em salas fechadas, tu pode ver nessa é tudo fechado, não tem assistência, quem estava assistindo? Só os familiares, não dá lucro nenhum. Não se faz espetáculo para a mídia, então é a saúde, isso é que me faz até hoje trabalhar em cima disso sem nenhuma intenção monetária. Só que eu vejo que fez bem para mim, eu tenho oitenta e dois anos, não tenho problema nenhum de saúde, nem articulações, nada. Eu faço o meu judô, caio, luto, claro não vou enfrentar os meus jovens faixas preta que não dá. Agora isso o que é saúde, nunca fiz cirurgia, não tenho nem médico, na minha idade tinha que ter um médico, para de vez em quando fazer um exame, não tenho. É a prática do esporte sadio e contínuo, e a pessoa quanto mais idade mais necessidade tem de fazer exercício físico, e eu já há mais de trinta anos eu reluto contra o refrigerante e os salgadinhos. Agora a mídia está batendo em cima, está dizendo que faz mal. Refrigerante e salgadinho, isso é um crime para as crianças.

E.S. – E tu recomenda para as crianças que não comam...

---

<sup>18</sup> João Neri Sater Mello.

A.S. – Não! Mas é a primeira coisa, é excelente. Depois da aula assim: “Veneno! O que é proibido? Salgadinhos, refrigerante”... Falo desses que eles gostam muito de comer...

E.S. – MCdonald`s...

A.S. – MCdonald`s. “Mac, Mac é proibido também”. Teve um dia que eu falei, no outro dia o menino me entregou a bolacha recheada que eu proíbo também. Entregou um monte de pacotes de bolachas recheadas: “Professor, uma prova que eu nunca mais vou comer, tá aí”. O guri até hoje está fazendo judô. É bacana isso, e eles deixam na hora, é importante a influencia que tem falar em grupo. Porque para criança, no judô, a gente não deve falar individualmente, sempre em grupo. Eles entram na sala de aula de “quimoninho”, são todos iguais.

A.A. – Professor Batista, tem alguma coisa que a gente não perguntou e tu gostaria de deixar registrado?

A.S. – Eu gostaria de dizer que se a gente não vê esse lado, porque o ser animal e o humano tem uma diferença muito grande. O ser animal já pratica a luta já de nascença, por instinto, pode ver o leão, o cachorro, eles brincam, eles lutam, se rolam, fazem que mordem. Aquilo é luta de judô, é se auto afirmando, é tendo contato, e qualquer contato físico... Eles têm agressividade? Não têm, eles brincam. O humano, por problemas de classes sociais, moradia, costumes, vive hoje em dia mais ainda, vivem em apartamentos fechados, recomendações dos pais, *bullying*<sup>19</sup>, sempre teve esse negócio de *bullying*, nunca se falou, agora que está muito na mídia: “Que tu não pode apanhar, porque se apanhar tu vai apanhar em casa”. Ensina as crianças a brigar, é o contrário, o judô ensina a fazer amizade, judoca não briga, isso é importante, judoca não briga, duvido que tenha um judoca... Porque ele não briga, ele aprende a não se meter em confusão, se vê alguém querendo lhe agredir, sabe conversar, chegar perto, sabe se relacionar. Se o cara vem provocar: “Ah! Tu é judoca, mostra o que tu sabe”. “Não! Eu não sei lutar, eu luto lá, eu não brigo”. Então isso é muito importante e esse problema cria o jovem e a criança com muita proteção, cuidando daqui, cuidando dali, os pais, dá uma briguinta lá no colégio, já vai o pai lá, já briga com a professora, a professora é culpada... Agrediu meu filho. No judô

não tem isso, vem aqui, luta, tem contato com o coleguinha, ele não se machuca, a intenção nunca é machucar, porque no judô, numa luta de judô, o cara luta pela sua perfeição, não pela fraqueza do adversário, ele não se aproveita da fraqueza do adversário. Tanto que quando vai lutar com um que não sabe, não tem muita técnica, aquele que já sabe mais cuida para não machucar, e não acha graça estar batendo. O interessante é pegar um adversário para provar a sua capacidade, pegar um adversário do mesmo nível, quer dizer, não existe covardia no judô. Ele aprende a respeitar, a não machucar, não tem aquela agressividade. Isso eu sempre falo, porque não adianta enfrentar na rua, o covarde, quando ele é fraco, ele se junta em grupo para bater em um. Eu sempre falo para os meus alunos, “quando é um que te provoca, na escola, fazendo *bullying*, procurando briga, não topa, porque se ele é menor ele não vai te provocar, jamais, aí ele é covarde, se ele está te provocando para fazer uma briguinha é por que ele é mais forte” e fala: “Sei que eu dou nele”. Entendeu? Isso é certo. Quando ele é mais fraco ele junta turma, para bater, pegar o outro só, isso é covardia. O judô tira essa agressividade, é importante isso. Então essa é a minha luta, pela agressividade hoje em dia de se juntar e bater no outro, é terrível. O cara está caído no chão e o outro vem, pega um pau e bate em cima, não é possível, eu não sei da onde vem isso. Agora as nossas autoridades, se eles empregassem a metade da verba que eles usam para construir presídios e hospitais e a polícia aplicasse no esporte, eles gastariam dez vezes menos, tenho certeza, sairia muito mais barato, e é prazeroso. Pega um ginásio, enche de tatame, coloca cento e cinquenta crianças ou adultos a treinar, fazer um esporte, de graça, dá quimono, o judô precisa de quimono, judô, *jiu-jitsu* está muito bom hoje em dia também. Eu tenho *jiu-jitsu* aqui, tem *muay thai* muito bom, tira a agressividade, *jiu-jitsu* mudou bastante por que o judô veio do *jiu-jitsu*, e o *jiu-jitsu* usava as técnicas de pancadas, técnicas mortais...

E.S. – Nessa época que tu começou tinha *jiu-jitsu*, lá nos anos 1960, 1970, tu conhecia?

A.S. – Não, *jiu-jitsu* não tinha muito aqui pelo sul, agora tem. Quem procura mais é o adulto, porque as técnicas são um pouco diferentes, é mais técnica de solo, de estrangulamento, chaves nas articulações. Para criança não é muito próprio, porque *jiu-jitsu* para criança, ela está em crescimento, então tem torções, chaves em articulações, está com o sistema ósseo em crescimento, isso dá lesões. Agora é muito procurado pelo adulto,

---

<sup>19</sup> Termo para descrever atos de agressão física ou psicológica contra alguém.

mas educa também, eu vejo que não procuram droga, não procuram briga, nem nada. Então essa é a minha luta, por isso que eu estou no judô hoje e tenho certeza que eu vou deixar muitos adeptos que vão continuar. Eu comecei aqui em 1970, tinha dia que eu estava na sala de aula, eu e mais eu só. Era difícil, foi aumentando aos pouquinhos, foi crescendo, hoje em dia é muito bom, poderia ser mais porque a família também tem o outro lado, nós temos que cuidar, a minha grande luta é com a Federação, as federações de judô, elas tem que se preocupar, formar professores de judô. Porque o sistema funciona assim, sai faixa preta já pode dar aula de judô, mas nem sempre tem a didática, não sabe lidar, lida muito com criança, a minha preocupação é formar professores que saibam lidar com crianças e saibam dar responsabilidades. Porque a família hoje em dia está buscando o judô para seus filhos como uma necessidade, uma saída para a saúde de seus filhos. A família está muito preocupada com isso, eles veem que o judô é bom. Porque hoje em dia tem muito entrar na internet, fala muito de judô, eu te falei, a Unesco<sup>20</sup> que fez um estudo<sup>21</sup> que considerou o judô o melhor esporte para a juventude.

E.S. – É isso?

A.S. – Está bom?

E.S. – Eu só queria te agradecer de novo pela tua entrevista.

A.S. – Eu que agradeço.

[FINAL DA ENTREVISTA]

---

<sup>20</sup> Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura.

<sup>21</sup> Disponível em: (<http://www.cbj.com.br/noticias/2924/unesco-declara-judo-como-esporte-mais-adequado-para-criancas.html#prettyPhoto>).